

O Arquivo do Escritor na Era da Reprodutibilidade Técnica Digital:

algumas questões de crítica genética

Pablo Gobira / Universidade Federal de Minas Gerais

Chego a escrever que se, ao invés de ter que recopiar e colecionar suas leituras à mão, Flaubert tivesse podido dispor de um computador, programas de hipertexto e motores de pesquisas, ele teria, talvez, terminado *Bouvard et Pecuchet*. Podemos também inverter a proposição e ver na proliferação da informação na *Internet* um tipo de *Bouvard et Pecuchet in progress*, monstruosos na sua própria multiplicação, e no qual sempre lhes faltará um Flaubert para lhe dar um sentido.¹

NA LONGA EPÍGRAFE acima há um jogo imaginativo que inspira este texto. Ao propor esse deslocamento de Flaubert para o século XXI, Lebrave rompe com um paradigma de negação das possibilidades de uma crítica genética nesse novo século. Além disso, o autor traz uma proposta que revela um pouco do que se pre-

1. LEBRAVE, J.-L. "O manuscrito será o futuro do texto". In: SOUZA, E.M.; MIRANDA, W.M. *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

tende aqui: “É certa a tarefa de uma ‘filologia eletrônica’ para o século XXI: a de redefinir o arquivo, a de dominar sua evanescência constitutiva e sua proliferação exponencial, a de criar instrumentos de exploração dessa imensa memória eletrônica indiferenciada”². A proposta de Lebrave parece correta, tendo em vista a não necessidade de suplantar os manuscritos, mas de aliar outros elementos à sua escassez provocada pelos meios de reprodução técnica.

Une-se a essa passagem do texto de Lebrave algumas perguntas feitas por Salles e Cardoso em um estudo de caso, que levantam pontos provocadores:

Notava-se que com a produção cada vez mais freqüente de obras que lançam mão dos recursos disponibilizados pelos novos meios, questões emergiam à crítica genética. Como os artistas lidam com as possibilidades e recursos dos meios digitais? Existem vestígios de processo de formação da obra? Qual a natureza e quantidade dos documentos de processo? Qual o caminho da crítica genética? Teorias e conceitos pareciam precisar de ajustes, assim como já se percebia a necessidade de se elaborar metodologias e ferramentas para o tratamento desses novos tipos de documentos com os quais se iria deparar.³

O caso estudado pelos autores é uma obra sobre a qual “os documentos desse processo, em vez de serem encontrados nas pastas de plástico ou papelão, foram coletados nos arquivos do computador do artista”⁴.

2. Ibidem.

3. SALLES, C.A.; CARDOSO, D.R. “Crítica de processo – um estudo de caso. Crítica genética, história e sociedade”. *Ciência e Cultura*, v.59, n.1, São Paulo, p. 47-49, jan./mar. 2007, p. 48.

4. Ibidem, p. 49.

Incipit

A partir dessas questões iniciais, tendo em vista o conceito de reprodutibilidade técnica⁵ como um dado do mundo contemporâneo e considerando os avanços da tecnologia da última década, pretende-se discutir a relação entre as novas tecnologias (digitais) e os arquivos.

Desse modo, este texto abordará as novas técnicas a partir do processo de produção artística, envolvendo o meio digital. Para isso, considerará a bibliografia existente sobre os arquivos e os meios digitais, assim como trará os conceitos de hipertexto e cibercultura para o debate. Tal debate é motivado, essencialmente, pelos usos que os arquivos fazem (ou podem fazer) da *Internet*.

Este artigo é composto por quatro seções. A primeira seção trata especificamente da relação entre a reprodução técnica e os arquivos, revelando as possibilidades de pensar o contexto da reprodutibilidade técnica digital contemporânea e a constituição dos arquivos de escritores. A segunda seção traz os conceitos de cibercultura, ciberespaço e de virtual, aproximando os arquivos dessa realidade a partir da *Internet*. Com isso, abordaremos as possibilidades do arquivamento contemporâneo com base em uma nova cultura, novos suportes, mediações, e uma nova “volatilidade” que não é mais aquela do manuscrito e do datiloscrito sobre o suporte perecível do papel.

Na terceira seção, essas novas possibilidades de arquivamento são explicitadas em alguns vislumbres do potencial da *Internet*. Discute-se como os *E-mails*,

5. BENJAMIN, W. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 165-196.

Websites Pessoais, *Websites* de Relacionamentos/Comunidades, e Simuladores de vida real podem constituir instrumentos do arquivamento do escritor.

Na quarta seção temos a discussão da crítica genética, resgatando o debate sobre o manuscrito, o prototexto e as escassas impressões de teóricos geneticistas sobre a relação entre a crítica genética e a era digital. Assim, estabelece-se uma discussão sobre essa relação que desemboca na possibilidade de uma crítica genética do digital.

As considerações finais deste artigo projetam ideias sobre o arquivo e sua configuração a partir dos elementos elencados, para a constituição do arquivo de escritor contemporâneo a ser captado ou pensado no amanhã.

A REPRODUTIBILIDADE TÉCNICA E OS ARQUIVOS

Os meios técnicos de produção e reprodução estão além do que via Walter Benjamin em 1935/1936 em seu artigo⁶. Porém, o autor já previa o caráter autônomo da reprodutibilidade no mundo capitalista e, naquele momento, propunha uma posituação dessa reprodutibilidade, divergindo das percepções de Theodor Adorno sobre a indústria cultural⁷.

O consumo impõe ao mercado a necessidade de gerar meios para uma “leitura móvel” das produções artísticas e culturais constituídas sob a influência das

6. BENJAMIN, W. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 165-196.

7. ADORNO, T. *Indústria Cultural e Sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

Incipit

novas técnicas. Essa “leitura móvel”, enquanto consumo, cria condições para que o artista – também consumidor de arte e das técnicas – se veja com tais instrumentos à sua disposição.

Em termos práticos, hoje é comum – e logo será mais ainda – o artista utilizar diversos desses meios técnicos para criar seu trabalho. Aproveita-se do *handheld* (*pocketpc*, *palmtop* ou *smartphone*) para esboçar alguns versos, de um *tablet pc* para escrever algumas páginas de suas narrativas, ou para desenhar esboços nesses mesmos instrumentos que, a cada dia, vão se popularizando, tornando-se comuns entre as pessoas.

O conceito de reprodutibilidade técnica é recuperado aqui em um contexto diferente daquelas primeiras décadas do século XX. Hoje, a fotografia não tem mais a mesma função técnica revolucionária, assim como o cinema diminuiu o alto custo que alcançou no início de sua constituição enquanto indústria cinematográfica. Esses meios de reprodução técnica convivem e se aliam a outros que podem ser agrupados sob o termo “digital”, tais como: a TV Digital; os Computadores (e sua série de *laptops*, *pocketpcs*, *tabletpcs*, dentre outros); câmeras fotográficas digitais; câmeras filmadoras digitais etc. Hoje a reprodutibilidade chega ao ponto de existirem telas maleáveis chamadas *e-paper* ou papel eletrônico, que estão ainda em fase de testes por várias empresas, tais como: a LG Philips⁸, a Xerox, a 3M e a Lucent⁹.

8. Mais informações podem ser encontradas em: <http://issomesmo.com/2007/05/14/e-paper-a4/>

9. Mais informações em: <http://www.guiadohardware.net/termos/e-paper>

Considerarei como digital essa era em que a relação binária torna-se a linguagem comum a toda a técnica utilizada na reprodução (aqui se refere à reprodução artística). Resta saber de que modo essa reprodutibilidade atinge os arquivos e a sua constituição. Segundo Marques,

As velozes transformações tecnológicas que se operam no campo da memória eletrônica têm contribuído para a perda de muitos documentos e arquivos. Isso se deve em parte ao fato de que as mudanças em termos de *hardware*, de equipamentos e novas linguagens, não são acompanhadas do cuidado de elaboração de linguagens de tradução entre uma tecnologia mais antiga e outra, mais avançada, acarretando a perda de arquivos.¹⁰

Essa perda não se refere apenas aos arquivos levados do espaço privado para o espaço público. Ela é um problema relacionado ao cotidiano das pessoas que se valem dessas tecnologias e precisam manter um mínimo de documentos arquivados no computador para seu acesso constante. Marques assevera ainda “que não devemos trabalhar dentro de uma perspectiva monológica, excludente. Aqui caberia o emprego de sistemas híbridos, combinando-se mais de uma tecnologia – microfilmagem e digitalização, por exemplo”¹¹.

A partir dessa opção, o arquivista constitui um espaço híbrido não apenas no acesso aos dados digitalizados. O arquivista é responsável por pensar também a recepção e o acolhimento de dados digitais

10. MARQUES, R.M. Acervos literários e imaginação histórica: o trânsito entre os saberes. *Ipotese*, Juiz de Fora, v.4, p. 29-37, jul./dez. 2000, p. 33.

11. *Ibidem*.

Incipit

em arquivos formados no contexto digital. Essa ideia corrobora com o que afirmou Jardim¹², ainda em 1992, quando contesta “o fim do papel”, mito que até hoje se repete em alguns meios, mas que entre os arquivistas é algo questionável¹³.

Os documentos eletrônicos são uma realidade. A discussão e a prática do princípio de “tradução” entre os suportes é uma necessidade. Segundo Pearce-Moses, o campo da preservação de documentos terá novos problemas, pois

não sabemos se estaremos aptos para ler arquivos do *Word* em vinte anos. O *Office 2025* será compatível? Se não, estaremos aptos para migrar através de versões de modo que garantiremos a sua legibilidade? É como eu disse, penso que os problemas da preservação são problemas fáceis de resolver por serem problemas técnicos. Todas as coisas são possíveis com tempo e dinheiro. A ponte [necessária entre o passado e o futuro] incluirá muitas ferramentas para garantir acesso em longos períodos para a gravação eletrônica. No futuro, vejo que as melhores práticas estabelecidas para preservação de gravações eletrônicas assegurarão que estaremos aptos a usar esses frágeis materiais indefinidamente.¹⁴

12. JARDIM, J.M. As novas tecnologias da informação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 251-260.
13. Segundo Pearce-Moses (PEARCE-MOSES, R. Janus in Cyberspace: Archives on the Threshold of the Digital Era. *Society of American Archivists Annual Meeting*, Washington DC, Ago. 2006. Disponível em: <http://www.lib.az.us/diggovt/presentations/Janus_abridged.pdf> Acesso em: <25/05/2008> p. 2.), “alguns arquivistas se confortam com a persistência do papel. Entretanto, eu tenho escutado isso com menos frequência nos últimos anos.” (Tradução nossa)
14. PEARCE-MOSES, R. A Bridge to the Future: Committing Intentional Acts of Memory. *Society of Southwestern Archivists*, Baton Rouge, Louisiana, 27 mai 2005. Disponível em: <<http://www.lib.az.us/diggovt/presentations/Bridge.pdf>> Acesso em: <25/05/2008> (Tradução nossa)

Essa questão é realmente relevante, mas não apenas para os documentos salvos nos formatos da *Microsoft* que, ainda, mantém um fluxo constante de atualizações para criar compatibilidade entre seus *softwares*. O problema maior é aquele de mídias, que geram crises como as já vivenciadas pelos consumidores e sua relação com os produtos que “lêem” a fita magnética *versus* o vídeo. Atualmente, podemos dizer que outra “briga” está no fim entre os suportes: o *Blu-Ray* e o HD-DVD¹⁵.

O aprimoramento dos suportes técnicos de reprodutibilidade está – e estará – sempre presente nas discussões dos arquivos. Muitas vezes, esses suportes influenciarão não apenas a confecção de muitas das informações arquivadas ou dos objetos artísticos arquivados, mas também a sua recepção seja no mercado enquanto um produto ou nos arquivos, como um item de uma série em um fundo documental.

Para Vlasselaers,

Com o fenômeno da digitalização, a mediatização entra numa nova fase na qual a interiorização da mídia na percepção humana do mundo é levada a um patamar mais alto. Os impulsos digitais pontuais, sem nenhuma reciprocidade analógica, são sinais abruptos que somente excitam e estimulam o leitor por um lapso de segundo através de sua súbita presença. Esta evolução conduz ao fenômeno do texto eletrônico ou **hipertexto**: na aplicação do computador multimídia, texto, som, imagem e outros dados são integrados. (...) Isto traz a **semiose infinita** de Peirce para o toque de seus dedos no *mouse*. Com referência à prática literária, isto implica que a tirania

15. ZMOGINSKI, F. Blue-ray mata HD DVD este ano, diz Gartner. *Info – online*, 28 jan. 2008. Disponível em: <<http://info.abril.com.br/aberto/infonews/012008/28012008-3.shl>> Acesso em: <01/07/2008>

Incipit

linear do texto impresso é quebrada em favor de um autor e leitor associativo e livre zapeador.¹⁶

Com base nessa noção do digital, é preciso delimitar que aqui se pensa no arquivo do escritor que, em alguns casos, se assemelha aos arquivos do artista plástico, do músico, do arquiteto etc. É importante ponderar que a constituição dos arquivos nos novos meios de reprodução e suporte não está sendo considerada a partir de sua captação por alguma instituição, apesar de levantar questões recorrentes a essa captação. O arquivo é pensando em seu processo de formação, sua gênese no espaço privado, na casa do titular, sem entrar nas discussões já desenvolvidas por diversos autores, como Garcia, Costa, Meneses, Gomes¹⁷. Por isso é que a reprodutibilidade é passível de ser pensada no arquivo. Ela está vinculada ao consumo de equipamentos, aos suportes de produção dos registros da vida do sujeito, da sua produção artística, assim como se atrela à reprodução de seus trabalhos em meio digital e, muitas vezes, sem submetê-lo à lógica do circuito principal da indústria cultural.

Para Fausto Colombo¹⁸, há quatro categorias de memorização no processo de registro: a gravação, como

16. VLASSELAERS, J. "Tecnologia mediática e inovação literária". In: ANTELO, R.; CAMARGO, M.L. de B.; ANDRADE, A.L.; ALMEIDA, T.V. de. *Declínio da arte Ascensão da cultura*. Florianópolis: ABRALIC/Letras Contemporâneas, 1998, p. 177-187 e p. 180-181.
17. GARCIA, M.M.A. de "Os documentos pessoais no espaço público"; COSTA, C.L. "Intimidade versus interesse público: a problemática dos arquivos"; MENESES, U.T.B. de. "Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público"; GOMES, A. de C. "Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados". In: *Estudos Históricos - Arquivos Pessoais*, Rio de Janeiro, n. 21, 1998.
18. COLOMBO, F. *Arquivos imperfeitos: memória social e cultura eletrônica*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

memorização de um fato em um suporte por meio de uma imagem que, quando transmitida, restitui o ícone do próprio fato; o arquivamento, que traduz o evento em informação cifrada e localizável em um sistema; o arquivamento da gravação, que é a tradução de uma imagem-records em um signo arquivístico localizável no sistema; e a gravação do arquivamento, que significa as cópias dos signos já arquivados para evitar o esquecimento. Desse modo, havendo uma modificação das técnicas concernentes aos registros de um sujeito, tais mudanças atingem esses níveis do arquivamento como um todo, mantendo a sua essência, mas reconstituindo as tipologias.

Pensar a reprodutibilidade técnica digital nesse contexto equivale a listar quais os meios utilizados pelo escritor hoje. Também deve ser considerado que há um registro semiautomático da produção, uma vez que os meios digitais, por serem voláteis, sempre são pensados tentando resguardar a perda de dados. O primeiro de todos os meios do escritor é a *Internet*, que possui diversas possibilidades de arquivamento. É importante ressaltar que a reprodutibilidade da *Internet* é técnico-semiótica.

A partir da *Internet* devemos começar a entender a simples criação de um *e-mail* (como serviço pago a um provedor ou enquanto serviço disponibilizado gratuitamente) como uma forma de arquivar, mesmo que “deletemos” constantemente os que não desejamos. Também se arquivam fazendo contas em *websites* de relacionamento/comunidades gratuitos, em *blogs*, ou mesmo se inscrevendo em *newsletters* diversos. Na

Incipit

Internet o escritor deixa seus rastros de variadas formas, assim como qualquer pessoa o faz.

Quando uma instituição capta o arquivo do escritor, deve se preocupar com a recuperação de dados nos diversos lugares passíveis de acolher registros do titular. Assim, estará realizando o poder de consignação. Conforme a noção de Jacques Derrida, em *Mal de arquivo*, “por consignação não entendemos apenas, no sentido corrente desta palavra, o fato de designar uma residência ou confiar, pondo em reserva, em um lugar e sobre um suporte, mas o ato de consignar **reunindo os signos**”¹⁹. Assim, o ato da instituição deve ser o da reunião.

Deve-se recuperar, para o acesso a esses dados, o computador e, especialmente, seu disco rígido, os disquetes e *pendrives*, os CDs e DVDs de dados, HDs portáteis (e também as mídias que virão), assim como as coleções diversas de áudio e vídeo armazenadas nas mesmas mídias. Esses elementos somam-se, e não substituem, às captações anteriores de manuscritos, datiloscritos, recortes e colagens (bonecas de obras), diários, dentre outros. Eles não substituem, pois, nos próximos anos, os arquivos dos escritores possuirão suportes técnicos como esses. Esses suportes técnicos também são comuns aos arquivos pessoais de qualquer um que arquiva a própria vida²⁰ hoje. Desse modo, o arquivo pessoal manifesta, segundo Cook²¹, uma ne-

19. DERRIDA, J. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, p. 14. (Grifos do autor)

20. ARTIÈRES, P. “Arquivar a própria vida”. *Estudos Históricos – Arquivos Pessoais*, v.11, n. 21, p. 9-34, 1998.

21. COOK, T. “Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um

cessidade de perpetuar intencionalmente uma imagem de si. Sendo que essa imagem será constituída por diversos suportes técnicos e, também, semióticos. O arquivo da era digital sobre o qual escrevo é, acima de tudo, híbrido sob sua constituição multitecnológica.

A principal característica da reprodutibilidade digital, como já se sabe, é a volatilidade²². Os dados facilmente se perdem e são apagados. Com isso, torna-se necessário que o escritor-arquivista realize uma constante atualização de seus suportes, assim como é preciso que faça diversos *backups* de seus documentos²³.

mundo pós-moderno". *Estudos Históricos – Arquivos Pessoais*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998, p. 129-149.

22. Comparada ao manuscrito, o que é volátil não necessariamente está sujeito a perecer, uma vez que é possível realizar indefinidamente cópias e *backups* dos dados digitais. O caráter perecível do papel, no meio digital, é substituído por essa volatilidade que está no campo de uma fragilidade muito mais contextual, funcional ou de contingência. Isso significa que se apaga muito mais facilmente os registros a partir do momento em que se necessita de espaço para o uso prático e veloz na execução de alguma outra atividade de mais urgência no uso do disco rígido. Uso esse que, muitas vezes, está ligado à sobrevivência, ao “ganha pão” do escritor que, quando esse não é o processo de criação, é colocado como prioridade no contexto da sociedade capitalista. Essa necessidade material, que faz o escritor dispor dos recursos que possui em termos de espaço de armazenamento dos registros em meio digital, ao que tudo indica logo estará superada pela facilidade atual em encontrar *hardwares* com tamanhos variados e custo cada vez mais reduzido. Ressalto, então, que a volatilidade está relacionada ao espaço-tempo do hoje, assim como o perecível está subjugado às intempéries do tempo, conseqüentemente, da memória para o amanhã.
23. O mesmo também é esperado do arquivista profissional, responsável por manter a memória sempre acessível em espaços onde a visitação pública demanda o acesso e a pesquisa nos arquivos pessoais de escritores. Essa questão da atualização do arquivista é insistentemente repetida por Pearce-Moses (PEARCE-MOSES, R. New Skills, New Knowledge, and New Attitudes for a Digital Era. *Archival Outlook*, 2006b, p. 1-4. Disponível em: <<http://rpm.lib.az.us/papers/AO6.pdf>> Acesso em: <25/05/2008>) em “New Skills, New Knowledge, and New Attitudes for a Digital Era”, e em “The Perfect and the Possible: Becoming a Digital Archivist” (PEARCE-MOSES, R. The Perfect and the Possible: Becoming a Digital Archivist. *Conference of Inter-Mountain Archivists*, Ogden, Utah, 12 mai 2006a. Disponível em: <<http://rpm.lib.az.us/papers/CIMA2006.pdf>> Acesso em: <25/05/2008>).

Incipit

Escritores-arquivistas do digital, com compulsão por arquivar suas produções, tendem a perder menos material do que os escritores-arquivistas não digitais. Isso se dá pela praticidade do arquivamento, assim como pelo espaço físico que não mais é necessário, dentre outras simplificações para a vida e processo de produção do escritor apontadas desde a epígrafe deste texto por Lebrave²⁴. Porém, com essa atividade, eliminam-se diversas camadas de um prototexto enquanto etapas também de uma “pré-produção” ainda não inserida na reprodutibilidade da obra finalizada para sua circulação no mercado.

Com isso, é necessário enxergar a nova dinâmica provocada pelas novas tecnologias não como o fim de uma crítica genética, mas como a possibilidade de enxergá-la em outros suportes na era digital. O que antes era realizado em diversos rascunhos ou datiloscritos no papel, hoje pode ser pensado em outros suportes. O escritor que utiliza menos o papel está apto a se envolver nas tramas de outra rede complexa que não considera apenas o verbal. O hipertextual torna-se uma linguagem de constituição genética do texto na medida em que o escritor se senta em frente a um computador e passa a escrever, atualizando seu *blog*, respondendo seus *e-mails*, pesquisando palavras, assuntos e notícias para compor seu texto literário. O repertório de influências torna-se mais acessível ao escritor-arquivista que também arquiva tudo o que faz.

24. LEBRAVE, J.-L. “O manuscrito será o futuro do texto”. In: SOUZA, E.M.; MIRANDA, W.M. *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

Qualquer navegação mínima que seja pela *Internet* é um ato de arquivamento automático pertencente a uma dinâmica comum aos meios avançados da reprodução técnica. Com isso quero dizer que para uma fotografia ser vista em um *site*, ou para se ler uma notícia, ou ainda para se visualizar um *site*, a máquina tem que arquivar (mesmo que temporariamente em pastas com nomes como “temporários” ou “temp”). Os vestígios desse arquivamento temporário, e outros um pouco mais permanentes, devem ser considerados escolhas do escritor-arquivista, portanto pertinentes a uma crítica genética da era digital no momento da captação do arquivo.

Essa questão do arquivamento automático da máquina, atualmente, está levantando algumas discussões no Brasil. Há um Projeto de Lei Substitutivo no Senado (PL da Câmara nº 89, de 2003, e PL do Senado nº 137, de 2000, e PL nº 76, de 2000) que está sendo “acusado” de pôr em risco as liberdades civis²⁵, assim como de impossibilitar a navegação na *Internet* do modo como se descreveu aqui. As coisas não estão muito claras. Um exemplo da falta de clareza do projeto é: se estivermos navegando em um *website* que possua fotografias com *copyright*, esse ato de arquivamento automático da imagem para visualização do *site* por completo já seria um cibercrime?²⁶

Essas polêmicas e discussões são pertinentes à esfera atual de relações que permeiam, também, a

25. Veja material sobre isso em: <http://www.softwarelivre.org/news/9284>

26. Essa discussão vem sendo realizada principalmente na *internet*. Para maiores esclarecimentos, o Projeto de Lei pode ser acessado em: <http://info.abril.com.br/aberto/infonews/112006/pls76de2000.pdf>

Incipit

constituição de arquivos privados na era da reprodutibilidade digital. A partir de Silviano Santiago²⁷, podemos afirmar que o impacto da tecnologia – do computador, dentre os outros elementos digitais – na criação literária, não será obstáculo para os escritores. Esse impacto também não será determinante das criações contemporâneas, mas podem influenciar alguns setores dessa produção²⁸.

A INTERNET, A CIBERCULTURA E OS ARQUIVOS DE ESCRITORES

A *Internet* hoje é utilizada por 21,1% da população mundial, sendo que há um crescimento médio de 290% do acesso a ela pela população global no período de 2000 a 2008. Com relação especificamente à América Latina e ao Caribe, os mesmos dados são ainda mais reveladores, pois o crescimento foi de 659,9% entre 2000 e 2008, sendo que 23,8% da população desses países passaram a acessar a *Internet*²⁹. Reconhecendo essa penetração da *Internet* no cotidiano das pessoas e conseqüentemente no mundo dos escritores, torna-se necessário envolver as discussões sobre as implicações dessas novas técnicas na formação dos arquivos contemporâneos.

27. SANTIAGO, S. Com quantos paus se faz uma canoa. In: In: SOUZA, E.M.; MIRANDA, W.M. *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

28. VIEGAS, A.C. “A ficção brasileira contemporânea e as redes hipertextuais”. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. Rio de Janeiro, n. 9, p. 213-227, 2006.

29. INTERNET WORLD STATS. Mar. 2008. Disponível em: <<http://www.internetworldstats.com/stats.htm>> Acesso em: <28/07/2008>

Essa nova dinâmica pode ser compreendida enquanto pertencente à cibercultura. Para Pierre Levy, o conceito de cibercultura está atrelado ao de ciberespaço:

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço.³⁰

As relações humanas, dentro da cibercultura, possuem um valor diferente das que se dão no dia a dia. Segundo Levy³¹, essa relação de valor diferente está vinculada ao virtual. Enquanto conceito filosófico, a virtualidade não é algo material ou irrealizável. Para o autor, “é virtual toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem contudo estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular”³². A título de exemplo, com base no filósofo, a própria palavra, quando não pronunciada ou pensada, está no reino do virtual.

É importante saber que

A cibercultura encontra-se ligada ao virtual de duas formas: direta e indireta. Diretamente, a digitalização da informação pode ser

30. LEVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999, p. 17.

31. *Ibidem*, p. 17.

32. *Ibidem*, p. 47.

Incipit

aproximada da virtualização. Os códigos de computador inscritos nos disquetes ou discos rígidos dos computadores – invisíveis, facilmente copiáveis ou transferíveis de um nó a outro da rede – são quase virtuais, visto que são quase independentes de coordenadas espaço-temporais determinadas.³³

Porém, esses dados existem, estão em um lugar mesmo que transformados em linguagem binária, podendo ser materializados através de impressão ou de outros meios.

Tendo isso em vista, o texto de André Lemos, “As Estruturas Antropológicas do Cyberespaço”, é esclarecedor no reconhecimento do que há de humano na *Internet*. É a existência desse “humano-*online*” que caracteriza a possibilidade de se arquivar nesse meio, mesmo que sob o signo do automatismo provocado pela era digital no auge da reprodução técnica. A *Internet* é, sobretudo, um espaço humano por se constituir presa “em estruturas arcaicas, imaginárias e simbólicas, de toda vida em sociedade”³⁴.

Há uma transição entre o “arquivar a própria vida”, de Phillipe Artières³⁵, enquanto meios de perpetuar a identidade individual (também a familiar e a humana em geral), o ato incessante e plural desse arquivamento, e o arquivamento como processo “naturalizado” (no sentido de “comum”, corriqueiro, cotidiano) no

33. Ibidem, p. 48.

34. LEMOS, A. “Estruturas Antropológicas do Ciberespaço”. *Textos de Cultura e Comunicação*, n. 35, Facom/Ufba, jul. 1996. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/estrcy1.html>> Acesso em: <23/05/2008>

35. ARTIÈRES, P. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricas – Arquivos Pessoais*, v.11, n.21, p. 9-34, 1998.

contexto do entendimento de que as estruturas do ciberespaço são humanas³⁶.

Pensando esses conceitos em aproximação com o que temos discutido, podemos afirmar que mesmo o escritor vivo mais distante das novas tecnologias, normalmente aqueles nascidos na primeira metade do século XX, já estão acostumados com essa dinâmica, possuindo *websites* particulares, sendo foco de comunidades criadas em *websites* de relacionamentos, ou grupos de discussão diversos (por *e-mail*) são dedicados a suas obras.

Para escritores mais novos, nascidos na segunda metade do século XX em diante, a hipertextualidade da *Internet* torna-se uma presença ainda mais marcante, assim como o é nas nossas vidas cotidianas. Esse emaranhado de *links* acessados diariamente via *Internet* são os nós entre o que se viu e o que se verá, desdobrando uma nova dinâmica de leitura. Esse texto em trânsito é o que aqui consideramos hipertexto.

Para Gilda Bittencourt, em artigo que atualiza a Literatura Comparada para o contexto das tecnologias contemporâneas, hipertexto são

estruturas que se apresentam como blocos (de imagens ou de palavras) conectadas por meio de “*links*” que proporcionam múltiplos trajetos de leitura, numa seqüência aleatória, criada ao sabor dos interesses ou do gosto dos usuários, onde desaparece a linearidade e causalidade que regia o texto escrito tradicional.³⁷

36. Lemos, A. Op. cit.

37. BITTENCOURT, G. N. da S. “A literatura comparada diante dos avanços tecnológicos”. In: JOBIM, J.L. et al. *Sentidos dos Lugares*. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2005. p. 4, 8.

Incipit

A ideia do “hiper” associada ao “texto” compõe um caráter de superioridade diante do texto, ao mesmo tempo em que apresenta sua fragmentação em múltiplas variantes textuais (imagéticas, sonoras etc.) que podem se associar na constituição de um sentido. A maior característica da cibercultura, principalmente através do hipertexto, é a necessidade de interação entre o “usuário” e os *links* que se apresentam como possibilidade de caminhos a se percorrer.

Um clique de um *mouse* significa uma escolha. Essa escolha é incerta no contexto da “navegação” incessante da pesquisa na *Internet*. Essa relação se torna pior se não temos um *website* de onde partir, e iniciamos nossas pesquisas em *websites* de buscas que são lugares da babel linguística e hipertextual em seus desdobramentos de *links* após *links*.

Por fim, qual é a relevância de toda essa caracterização para os arquivos? Os arquivos tradicionais de escritores já são considerados espaços de um hibridismo semiótico em que existe a presença de várias mídias, várias artes e várias gêneses de produções. Eles já se estruturam desde o século XX reunindo no espaço da consignação o que parece caótico para o pensamento linear. Porém, os arquivos têm que se adaptar não apenas a um hibridismo semiótico, mas ao hibridismo dos suportes tecnológicos (assim como as variantes semióticas) como apontado por Marques³⁸. Esses suportes, até então, têm sido mais comumente utilizados na organização dos arquivos de escritores nas instituições,

38. MARQUES, R.M. “Acervos literários e imaginação histórica: o trânsito entre os saberes”. In: *Ipotese*, Juiz de Fora, v.4, p. 29-37, jul./dez. 2000.

onde se digitalizam os documentos já existentes a fim de promover um acesso mais ordenado e veloz aos itens pertencentes aos fundos documentais.

A era da reprodutibilidade técnica digital provoca o pensamento nos “arquivos do amanhã” como espaços da multiplicidade de suportes para os registros. Eles estão sendo gerados, no contexto da cibercultura, a partir de uma constituição não-linear, fragmentada, em mosaico, em um espaço-tempo da constituição da memória do indivíduo. Também estão sendo geradas a partir do “quase” virtual (nos discos rígidos, disquetes, *pendrives* etc.) e do registro na *Internet* enquanto um novo espaço público.

A partir dessa ideia, pretendo apresentar algumas formas de enxergar as potencialidades dos suportes digitais, assim como formas de captar seus dados.

ARQUIVOS DO AMANHÃ: O HIPER-ARQUIVO DO ESCRITOR CONTEMPORÂNEO

Tendo como pressupostos que existem arquivos de escritores em constituição hoje e que esses arquivos serão captados para instituições ou centros culturais, museus literários, fundações etc., será possível, no futuro, pensá-los do mesmo modo bidimensional que se faz desde as bases trazidas pela reprodutibilidade técnica da era Gutenberg (ou até de antes)? Pensar o arquivo do amanhã deve extrapolar o contexto da discussão da passagem dos dados coletados de arquivos digitais e transpostos para bancos de dados também digitais em um formato padrão e acessível (como é o caso do bidimensional arquivo JPEG)? Essa fixação dos

Incipit

dados em um formato bidimensional não impediria a captação e manutenção de dados tridimensionais, como nos casos dos ambientes de simulação? Todas essas questões levantadas são motes para uma “caotização” do arquivo. É importante dizer que tais perguntas não serão respondidas nesta seção. Concentrarei-me em mostrar as potencialidades da *Internet* na criação de registros a partir de alguns suportes disponíveis. São esses novos modos de registrar (que serão exemplificados) é que provocarão as perguntas acima.

É possível imaginar o arquivo de escritor em constituição hoje enquanto pertencente ao espaço-tempo histórico de um sujeito que resiste ao esquecimento de sua existência a partir do arquivamento intencional e automático. Também devemos considerar o escritor como um indivíduo que se enquadra no perfil de cidadão da sociedade capitalista, dentro da noção apontada por Nestor García Canclini enquanto consumidor e cidadão³⁹. Isto é, o escritor-arquivista atua de dentro da lógica do consumo, mesmo atingindo representações que deseja fazer de si mobilizando não apenas o tempo, mas também o espaço.

A partir da interação do processo de arquivamento nos suportes analógicos com os digitais, o conceito que emerge não é o de “arquivo digital” do escritor, como são chamados os *softwares* de bancos de dados dos computadores, mas sim o de **hiperarquivos**, por se constituírem com um caráter híbrido.

Já conhecemos alguns itens que constituem os arquivos (como o manuscrito, o datiloscrito). Devemos

39. CANCLINI, N. G. *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

reconhecer também os seus desmembramentos, agrupados heterogeneamente por Hay⁴⁰ como: marca dos impulsos iniciais (notas, cadernos e diários); documentos das operações preliminares (projetos, planos, roteiros); e resultados do trabalho redacional (esboços, rascunhos, redações iniciais). Esse movimento de reencontro com o texto deve ocorrer a partir da obra publicada do autor, voltando-se para os processos de constituição da mesma encontrados nos arquivos.

É importante ver que, analogamente à *Internet*, o prototexto (formado no arquivo moderno pelos itens apontados acima) se constitui enquanto uma rede a partir da concepção da crítica genética. Para Salles,

O percurso criativo, observado sob o ponto de vista de sua continuidade, coloca os gestos criadores em uma cadeia de relações, formando uma rede de operações estreitamente ligadas: um signo se complementa no outro signo. Toda ação do artista está atada a outras. Anotações, esboços, exposições visitas (sic), aromas lembrados, livros anotados, tudo está, de algum modo, conectado. O ato criador aparece, deste modo, como um processo inferencial, na medida em que toda ação, que dá forma ao novo sistema, está relacionada a outras ações e tem igual relevância, ao se pensar a rede como um todo.⁴¹

Pensando desse modo, é possível refletir sobre a constituição da escrita enquanto um trabalho já aproximado da cibercultura.

40. HAY, L. "O texto não existe": reflexões sobre a crítica genética. In: ZULAR, R. (Org.) *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras/FAPESP, 2002, p. 29-44.

41. SALLES, C. A. "Crítica genética e semiótica: uma interface possível". In: ZULAR, R. (Org.) *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras/FAPESP, 2002, p. 187-188.

Incipit

Sabendo que existem novas formas de ocorrer esse arquivamento hoje, quais seriam os novos elementos que constituem não apenas a mobilização de um novo suporte de sua sustentação real, como também de uma nova possibilidade de leitura das relações do escritor com o mundo? Aqui irei apontar apenas algumas dessas novas possibilidades agrupadas em: *e-mails*; contas de *websites* pessoais; contas de *websites* de relacionamentos/comunidades; e contas nos simuladores de vida real.

Cada um dos novos suportes será explicitado abaixo, revelando o estágio em que se encontram hoje, o modo que se dá o registro, assim como a forma pela qual é possível captar tais registros do escritor.

E-mails

Nos Estados Unidos da América formou-se o *National Electronic Commerce Coordinating Council* (NECCC) para discutir as regras que as instituições nacionais e, conseqüentemente, seus funcionários deveriam manter quando trabalhando com o arquivamento de *e-mails*. As instituições que compuseram o conselho foram: *Information Technology Association of America*; *National Automated Clearing House Association*; *National Association of Government Archives and Records Administrators*; e o *National Association of State Treasurers*.⁴²

42. NATIONAL Electronic Commerce Coordinating Council (NECCC). *Managing E-Mail*. p. 1-27. New York/NY, 2002. Disponível em: <http://rpm.lib.az.us/papers/managing_email.pdf> Acesso em: <25/05/2008> p. 2.

Nota-se que, dentre elas, está a Associação Nacional dos Arquivos Governamentais e Administração de Registros. Ao determinar regras para o tratamento de informação gerada e que circula digitalmente, esse conselho afirma sua importância para a configuração de arquivos governamentais, tendo ele sido criado em 1997, como aponta a introdução do documento⁴³.

Desse modo, é importante que todas as áreas passem a compreender o *e-mail*. Conforme o NECCC, o *e-mail* é originário do *business*. Hoje ele pode se tornar um elemento importante para a gênese literária por conter os traços do mesmo espírito motivador das correspondências historicamente guardadas em acervos, em especial aquelas entre escritores e intelectuais.

O *Smithsonian Institute Archives* também considera a importância dos *e-mails*, criando um padrão de arquivamento para o mesmo no *The Rockefeller Archive Center*⁴⁴.

Atualmente, conseguimos vislumbrar os *e-mails* como um meio de comunicação veloz no cotidiano das grandes cidades. Na medida em que se populariza não apenas seu uso, mas também a “necessidade” de sua utilização surgem debates sobre a sua validade enquanto documento.

Em espaços nos quais seu uso é constante, como entre os membros das Instituições de Ensino Superior, e em empresas de âmbito internacional, nacional e até

43. Ibidem.

44. SMITHSONIAN Institution Archives. Email Records Guidance. p. 1-9. The Rockefeller Archive Center, 2007. Disponível em: <http://siarchives.si.edu/pdf/CERP_Email_guidance_supp_0307.pdf> Acesso em: <25/05/2008>

Incipit

mesmo local, valem como documento oficial. Enquanto documento “oficial”, seu fluxo encontra-se registrado nos servidores desses espaços, muitas vezes com o peso do ofício assinado, que convive com eles quando impressos e alocados nas mesas de secretárias e de chefes de setores e departamentos.

A maior comprovação do cuidado que ainda se tem com relação à certificação do *e-mail* se revela na não utilização deles pelos bancos, para que seus correntistas realizem as suas movimentações financeiras. Isso também revela o caráter humano que o *e-mail* possui, uma vez que cada um deles significa um tempo gasto para sua leitura. Esse tempo de leitura é um tempo de trabalho subjetivo, também dispendioso para as agências financeiras no trato com o cliente.

Entre a possibilidade de *e-mails* institucionais e *e-mails* particulares (por meio de serviços prestados) serem recuperados nos servidores após serem “deletados” pelos remetentes ou destinatários, e a falta de segurança ainda na possibilidade de se mascarar a autoria de determinados *e-mails* é o que, hoje, ainda distancia os arquivistas e a arquivologia da captação desse gênero de comunicação. A partir do momento em que se considerar a responsabilidade do titular de uma conta (particular ou gratuita) de *e-mail* do mesmo modo que se consideram as correspondências, o estatuto do *e-mail* se transformará e, possivelmente, alcançará o *status* de um registro documental mais sólido para a arquivologia.

Mesmo que os *e-mails* apagados das caixas postais estejam perdidos realmente (podendo apenas seus rastros serem recuperados ou mesmo sem haver chances

de recuperação), aqueles *e-mails* que restam são os resquícios de uma comunicação entre o escritor e seus pares. Se o arquivo em formação pertence a um sujeito que arquiva compulsivamente, é possível que ele esteja realizando uma seleção dos seus *e-mails* a ponto de também, por meio deles, constituir as representações de um “eu” que se quer revelar.

Porém, essas informações arquivadas em meio digital, em servidores pagos ou gratuitos, estão sujeitas às intempéries das transformações tecnológicas e mercadológicas que atingem as empresas que administram tais serviços. Elas também estão sujeitas às “perdas” de senha do titular da conta ou mesmo ao apagamento acidental ou necessário (devido à falta de espaço para armazenamento de dados), para que a conta de *e-mail* continue a ser utilizada. Porém essa última questão diminui na medida em que os anos passam, pois a cada dia mais espaço é disponibilizado (inclusive por preços cada vez menores em contas pagas).

Sabendo que no contexto digital nenhum dos suportes ou elementos são hegemônicos ou preferenciais, como no mundo analógico os manuscritos e datiloscritos manifestam a preferência do escritor pelo verbal, mais importante é reconhecer que às informações encontradas nos *e-mails* de um escritor-arquivista, mesmo que em resquícios, devem ser agregados outros dados também pertencentes à virtualidade e à *Internet*.

Essa agregação de outros dados/itens ao arquivo em processo deve incluir a preocupação do arquivista em obter o acesso autorizado às correspondências eletrônicas, do mesmo modo – e com o mesmo cuidado –

Incipit

que se tem com o acesso às correspondências dos escritores feitas no suporte papel.

Essa captação gera uma verdadeira pesquisa, pois esse material pessoal que o escritor carregava com uma senha, inexplorado por outros olhares, pode revelar todas as ligações do arquivo do escritor na *Internet*. Essa caixa postal, que o arquivista estará acessando pela primeira vez, assemelha-se às pastas de arquivos de escritores com as cartas tão pessoais. O *e-mail* pessoal do escritor poderá revelar discussões sobre o processo de produção, as ligações do escritor com alguns *websites*, revistas eletrônicas, grupos de discussões por *e-mail* (onde processos de produção também podem ser revelados a partir da leitura de seus históricos), senhas de *website* pessoal ou de outras contas de *e-mail* etc.

Websites Pessoais

A autopropagação da imagem por meio do *website* pessoal assemelha-se ao controle que se quer dar às interpretações da obra do escritor no momento do arquivamento. Talvez, na *Internet*, o *website* pessoal do escritor (se ele o possuir) seja uma das chaves de compreensão do que ele desejava projetar. São alguns elementos desses *websites* pessoais: textos publicados; inéditos; mini-biografias; cronologias; relações com outros escritores, artistas, revistas, e *links* de outros *websites*.

Todas essas relações devem ser captadas junto ao arquivo físico do escritor. Depois da captação, será da instituição a escolha pela manutenção *online* dos dados do escritor como um modo de também reproduzir, agora

não apenas fisicamente, mas também digitalmente, a cenografia das produções do escritor.

Essa decisão deve ser tomada de acordo com a função de tais materiais, uma vez que depende do arranjo que a instituição pretende para o arquivo captado. Provavelmente, a manutenção das contas do *website*, *e-mail* etc. (pagas ou gratuitas), não dependerá da instituição, a menos que seja feita em termos de transferência para a instituição que captou o arquivo, uma vez que o contexto de captação, na maioria dos casos, se dá com o falecimento do titular. Mesmo que a decisão seja a da manutenção dessa conta será necessário o estabelecimento ou fixação do estado em que ela foi encontrada, uma vez que a consulta aos dados, nesse caso, pode ser facilitada se o arranjo deixado pelo escritor for mantido. Essa fixação ou estabelecimento do arquivo pode ser realizado a partir da reprodução – utilizando os serviços de um *webmaster* – da caixa postal do *e-mail* ou do *website* pessoal captado, transferindo os dados originais para um *backup*. Como em um arquivo físico, os itens que o compõe digitalmente também devem ser inventariados conforme as regras de listagem ou descrição imanentes à instituição que o acolhe.

Dentro dessa categoria dos *websites* pessoais está o *Blog*. Segundo Ana Cláudia Viegas,

A constituição do termo “*blog*” já traz em si idéias contraditórias: *web* (página na *internet*) + *log* (diário de bordo) = “diário íntimo na *internet*”. Como um diário “íntimo” pode ser exposto na rede para quem quiser acessar e, além de ler, comentar, rasurar, participando do processo de criação? Se os diários sempre trouxeram em si um

Incipit

interlocutor, já que toda escrita se dirige a alguém, agora esse outro, ainda que virtual e desconhecido, se explicita e atualiza o processo ativo de toda leitura. Os papéis do autor e do leitor são, assim, compartilhados, fragmentando a figura do sujeito que se escreve.⁴⁵

//houve um empastelamento aqui; conferi no texto original citado e sugiro cortar essa parte.//

Assim, o *blog* é uma espécie de diário eletrônico muito comum hoje não apenas entre os “internautas”, mas também entre os escritores contemporâneos. Um desses escritores é Ricardo Aleixo, poeta mineiro, que possui um *blog* em funcionamento desde fevereiro de 2004. Cito o caso do Ricardo Aleixo como exemplo para apresentar as potencialidades que esse recurso pode ter para a exibição da obra ou mesmo para a atuação cultural⁴⁶, possuindo importância na compreensão do contexto de produção do escritor⁴⁷.

Websites de Relacionamentos/Comunidades

Chamo aqui *websites* de relacionamentos/comunidades aqueles em que as pessoas podem criar contas e montar um perfil, seja esse social, de aprendizagem ou de produção artística, musical, cultural, de contatos etc.

45. VIEGAS, A. C. “A ficção brasileira contemporânea e as redes hipertextuais”. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 213-227, 2006, p. 223.

46. ALEIXO, R. Jaguadarte – posse de Ricardo Aleixo. 2008. Disponível em: <<http://www.jaguadarte.blogspot.com/>> Acesso em: <01/07/2008>

47. Outros *blogs* de escritores: Cavaleiro Andante e Céu de Belerofonte (*blogs* pessoais do escritor Celso Sisto – <http://celsosisto.blogspot.com/> e <http://ceudebelerofonte.blogspot.com/>); Caio Riter (*blog* pessoal – <http://caioriternoticias.zip.net/>); Marcelo Spalding (*site* pessoal – <http://www.marcelospalding.com/>); Luís Dill (*site* pessoal – <http://www.luisdill.com.br/>); O Jardim do Diabo (*blog* do escritor Kléber Boelter – <http://www.kwriter.com.br/ojardimdodiabo/>).

Além disso, esses *websites* possibilitam que o usuário crie redes adicionando outras contas de pessoas que se interessem pelas informações disponibilizadas ou queiram manter contato. Normalmente esses *websites* oferecem esse serviço gratuitamente.

Na maioria das vezes, os *websites* de relacionamentos são bastante estáticos, não possuindo interações maiores que adicionar um contato, entrar em uma comunidade compartilhada, fazer um comentário ou deixar um recado, jogar um jogo em tempo real etc. Outras vezes, é possível divulgar mídias (músicas, vídeos etc.)⁴⁸ assim como pode-se aprender novas línguas ou compartilhar esse conhecimento⁴⁹.

O grande problema desses *websites* é o registro de uma conta que pode revelar ou mascarar a identidade do escritor arquivado. Esse processo de revelação ou mascaramento é o grande obstáculo à captação dos dados para a formação de um arquivo do escritor, talvez até mais do que a possibilidade desses *websites* deixarem de prestarem o serviço oferecido (dentro da noção de volatilidade apresentada).

A lista dos *websites* de relacionamentos de hoje é grande, sendo difícil até mesmo o mapeamento de todos. Dessa dificuldade advém a necessidade do acesso à conta de *e-mail* do escritor, que pode possibilitar o acesso a *websites* cuja senha seja desconhecida, assim como, via registros no disco rígido do escritor, identificar onde ele criou outras contas.

48. Alguns desses *websites*: <http://www.myspace.com/> ou <http://www.blip.fm>

49. Para conhecer esse tipo de *website* visite: <http://www.livemocha.com/>

Incipit

A partir do momento que se cria uma conta nesses *websites*, inicia-se um arquivamento automático⁵⁰. Caso haja interesse do escritor em manter comunicação com as pessoas, ele passa a escrever recados, notícias, postando informações, compondo sua rede de relacionamentos. O mesmo acontecerá se ele aderir a um *website* onde expõe suas produções, ou em outros em que trocará conhecimentos.

Seguindo a lógica da “navegação” na *Internet*, o processo de arquivamento no (e do) meio digital acaba sendo automático ou semiautomático.

Simuladores de vida real

Ainda muito incipientes, os simuladores de vida real já apresentam uma realidade que era apenas imaginada (e posta em dúvida com relação ao seu alcance) há menos de dez anos. A possibilidade de criação de um personagem (avatar) que lhe represente em um ambiente de três dimensões (3D) – em alguma reunião, em uma conversa, ou mesmo em espaços culturais 3D como museus virtuais – já é uma realidade⁵¹.

Possivelmente, um dos próximos passos da era digital seja trabalhar não o ambiente de três dimensões para essa interação virtual, mas as possibilidades que esse ambiente carregará para uma “imersão” do sujeito no

50. Ressalta-se que é comum existirem “perfis” de pessoas falecidas nesses *websites*, o que mostra o caráter de certa permanência da informação dependendo daqueles pontos levantados anteriormente. Vide informações sobre essa questão em: <<http://tvon.multiply.com/journal/item/249>> e em <<http://g1.globo.com/Noticias/Tecnologia/0,AA1296560-6174,00.html>>

51. Veja, por exemplo, o *Second Life*, <http://secondlife.com/whatis/>, ou o *Blue Mars*, <http://www.bluemarsonline.com/>, dentre vários outros.

ambiente 3D, agora não mais por meio de um avatar, mas estimulando mais sentidos além do visual/auditivo frente à tela do computador.

A princípio, a existência de simuladores de vida real acarreta mais um avanço para a exposição da produção do escritor, o que significa a possibilidade de divulgação de sua obra ou mesmo de uma pré-visualização da mesma. Existem hoje diversos ambientes 3D que são museus que expõem cópias de pinturas de artistas contemporâneos, por exemplo. A existência de museus pode propiciar a criação de outros locais para expressão artística, seja da literatura (recitais de poemas, encontros literários etc.) ou da música (como já ocorre em *shows* e festas em ambientes 3D).

Por meio da criação de uma conta e da instalação de um “navegador” especial para a entrada nesse “mundo simulado”, há uma nova frente de possibilidades nesse ambiente que se afastam do modo tradicional de receber e produzir literatura. Assim, aponta-se para uma transição entre as áreas de letras e do audiovisual. Exponho essa possibilidade ressaltando sua potencialidade de criação de experiências sensíveis e a que os arquivistas devem estar atentos enquanto espaços de confluência de um arquivamento diferente e inovador. Penso que onde houver possibilidade de criação de uma conta inicia-se um processo de registro e arquivamento seja ele automático, semiautomático ou intencional. Assim, é papel da instituição que capta o arquivo do escritor investigar também nos ambientes em 3D quais as relações que o titular do arquivo teceu durante sua produção.

Incipit

POR UMA CRÍTICA GENÉTICA DO DIGITAL

Os elementos apresentados acima surgem em um contexto em que o manuscrito vem diminuindo sua aura (ela não deixa de existir, o que é um mito propagado há alguns anos). Essa perda é também um ganho, na medida em que outros elementos constituem esse prototexto que poderá ser reconstituído pelo pesquisador quando em contato com o arquivo do escritor. Para isso, consideram-se os elementos apresentados acima, assim como outros que já existem e/ou estão para surgir. Com Louis Hay aprendemos, em *Literatura dos escritores*, que a presença do escritor frente à sua produção não é mais aquela presença moderna frente ao seu manuscrito⁵². Sua postura se hibridiza ao sentar-se frente ao papel, à máquina, ao teclado do computador, ou do *laptop*, ou ainda escrevendo nos *handhelds*.

A relação entre a crítica genética e os novos meios de reprodução digital não é muito explorada. Quando se fala dela, remete-se à relação entre o arquivo já captado pelas instituições, no espaço público, a partir de sua digitalização. Lebrave⁵³ constrói uma pergunta que se relaciona com essa digitalização: com ela constituir-se-ia um “hiperarquivo”?

Respondendo à indagação de Lebrave sobre a constituição de um projeto de digitalização a partir do “arquivo bruto”, “dos dados” (“manuscritos, fotografados, arquivos sonoros”) e do “arquivo construído pelos

52. HAY, L. “O manuscrito plural”. In: *A literatura dos escritores*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007, p. 93-104.

53. LEBRAVE, J.-L. “O manuscrito será o futuro do texto”. In: SOUZA, E.M.; MIRANDA, W.M. *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

pesquisadores” (“edição, comentário e análise crítica”)⁵⁴, que com a digitalização não se constitui um hiperarquivo, mas um arquivo de hipertextos. Um hiperarquivo tem que ser composto por elementos tais como os apontados acima, enquanto seus constituintes são gerados em diversos meios, tais como os *websites*, as simulações, as novas relações na constituição do registro etc.

É importante ressaltar, com isso, que Lebrave já vê a possibilidade de ligação entre a crítica genética e as novas tecnologias. Segundo o autor,

Sob a forma eletrônica, a escritura coloca em situação difícil vários postulados de base da genética manuscritológica. Primeiramente, ela faz desaparecer a espessura da substância gráfica do manuscrito e só mostra a superfície impessoal e sempre lisa dos “textos” (mas trata-se, ainda, de textos?) nos quais todo *ductus* individual desapareceu. Mais grave: ela transforma profundamente a própria noção de traço de escrita, escrita esta que se forma imaterial e instável. Não há mais rasuras, notas, substituições interlineares: o traço da operação se dissolve inteiramente em seu resultado. Não há mais fronteiras entre a criação em processo e seu resultado – a obra.⁵⁵

Provavelmente, o que Lebrave não vê é que a relação torna-se outra: as versões gravadas em discos rígidos, os arquivos que são salvos com outros nomes, assim como os arquivos que são salvos automaticamente constituem as novas rasuras. Existe até mesmo uma função de um dos *softwares* do pacote *Office* da Microsoft que compara documentos e os monta apresentando suas diferenças. Além disso, mesmo que

54. *Ibidem*.

55. *Ibidem*, p. 91.

Incipit

exista apenas o caráter “limpo” ou “liso” nessa nova escrita em processo, deve-se agregar a ela as produções que surgem dos novos meios de registro da obra (como os potenciais espaços do registro citados acima). Sabemos que até a postura física imposta pelos novos meios técnicos de registro (os diversos tipos de computadores) implicam em uma mudança do “fôlego” do escritor para com sua labuta.

A proposta de discussão desses elementos é possível por vermos a obra como processo. Essa noção trazida pela crítica genética é muito importante por conter uma dinâmica diferente daquela estática, da criação ainda com a tradição como referencial e, quando muito, utilizando-se dela como ponto de ruptura. Melo e Castro⁵⁶ consegue enxergar uma relação positiva entre a crítica genética e as novas tecnologias em seu texto “Síntese Genética”. Para o autor, é papel da crítica descobrir novas formas de constituir o prototexto, sabendo que os manuscritos terão que conviver com as versões digitais.

Um exemplo da assimilação *pop* dessas propostas é Caetano Veloso realizando uma “série de concertos” “no Rio de Janeiro” “durante todo o ano de 2008”, chamando-os de Obra em Processo. Sua ideia surge de modo a possibilitar o acompanhamento pelo público do seu processo criativo. “Canções que acabaram de ser compostas são apresentadas no palco e aprimoradas em shows diferentes a cada semana”⁵⁷. Segundo Hermano Vianna,

56. MELO e CASTRO, E.M. “Síntese Genética”. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 4, p. 68-81, out. 2000.

57. VIANA, H. Obra em Progresso também no mundo digital. 28 jun. 2008. Disponível em: <<http://www.obraemprogresso.com.br/sobre/>> Acesso em: <01/07/2008>

idealizador da proposta de *website* para divulgação do projeto de Caetano, há uma sincronia da “Obra em Processo” com o que vem acontecendo contemporaneamente:

Não é apenas o MP3, ou o filme completo, que escapa clandestinamente do estúdio de edição. Não é apenas o vídeo do show de ontem que o fã publica no YouTube. Para o artista, a facilidade de comunicação imposta irremediavelmente pela digitalização de todas as etapas de seu trabalho também sugere a possibilidade de experiências criativas que levem em consideração o feedback imediato do público, de várias maneiras e com intrigantes (e ainda não previsíveis) conseqüências.⁵⁸

Pensando desse modo, tanto este trabalho quanto a proposta de Caetano Veloso dialogam com a crítica genética, por refletir sobre alguns aspectos que estão no cerne da produção artística contemporânea. Essa produção está vinculada às tecnologias disponíveis e a serem comercializadas nos próximos meses ou anos. Hoje o escritor, ou o músico (como se vê no caso de Caetano Veloso), se não utiliza diretamente o computador o acessa indiretamente, uma vez que as informações estão sendo processadas seguindo seu método reprodutivo baseado em uma nova cultura: hipertextual e do ciberespaço.

Desse modo, este artigo inicia a reflexão sobre a constituição, a partir da crítica genética, de um modelo tipológico para constituição e análise do arquivo contemporâneo e em devir. Para entender os elementos da seção anterior como uma nova tipologia, é preciso apreender o que mostra Bernhild Boie:

58. Ibidem.

Incipit

O número de procedimentos de escritura não é infinito, mesmo se levamos em conta variações sempre possíveis no interior de um mesmo modelo. Para cada percurso individual – a genética comparativa nos ensinou – há, então, esquematicamente um modelo tipológico. Resta saber qual relação se estabelece entre este modelo e sua prática, entre a maneira de escrever e a obra projetada.⁵⁹

A descoberta das tipologias individuais dos hiperarquivos dos escritores será realizada apenas no momento em que os arquivos forem captados minimamente como se propõe aqui, com base em considerações acerca de sua presença privada na *Internet*. Por esse motivo, as intenções deste artigo apenas podem se constituir enquanto impressões da possibilidade de arquivamentos conforme os novos meios digitais.

Este texto propôs projetar algumas ideias a respeito das tecnologias a ponto de se imaginar um arquivo de escritor em disposições cenográficas com, por exemplo, um disco rígido de um Compaq Presario 5524 sobre uma estante, mas já com vários *backups* de seus 850Mb de dados realizados para mídias DVDs de 4.7Gb. Também podemos imaginar a composição desse arquivo com as diversas caixas de disquetes (gravados com inúmeros trabalhos digitados e inéditos) guardados nas gavetas da mesa de trabalho e com seus *backups* devidamente realizados.

Para pensar esse cenário, que já é decadente para os dias de hoje, discutimos quais as possibilidades de constituição de arquivos de escritores. Além de revelar as possibilidades de arquivamento ainda não assimiladas

59. BOIE, B. A escritura e a obra: o outro e o mesmo. In: SOUZA, E.M.; MIRANDA, W.M. Op. Cit., p. 204.

nos arquivos contemporâneos brasileiros, apresentamos o processo de arquivamento em novos suportes para os arquivos em processo hoje e que serão configurados/ acessados no futuro.

Mostrei como essas formas de registros podem suportar informações relevantes para os estudos genéticos da crítica, seja na área de Letras ou em outras áreas do conhecimento que se interessam pelos acervos de artistas ou intelectuais. Trouxe alguns exemplos concretos para demonstrar como alguns produtos digitais já facilitam o registro da informação, assim como a automatiza dentro dos HDs dos computadores ou nos servidores conectados à *Internet* através das contas pessoais dos usuários.

Apesar de ter ressaltado que este trabalho não trataria da digitalização de arquivos, foi inevitável trazer algumas das questões relevantes para esse processo. Isso inclui as dificuldades técnicas na preservação dos dados, assim como suas constantes transposições para outros formatos digitais. Assim como também foi inevitável abordar a contrapelo a questão da captação dos hiperarquivos.

Com isso, creio que consegui apresentar como o escritor pode arquivar nos dias de hoje e/ou como ele poderá arquivar no amanhã. Apresentei também quais são os avanços da reprodução técnica que eliminaram parte dos “arquivos de trabalho”⁶⁰ da crítica genética. Discussão essa constantemente repetida pelos teóricos da crítica genética, e já com algumas propostas positi-

60. BIASI, P. M. de. O horizonte genético. In: ZULAR, R. (Org.) Op. Cit., p. 29-44.

Incipit

vas para o futuro, como se viu em Melo e Castro⁶¹, assim como em Salles e Cardoso⁶².

Por fim, é importante dizer que não teçi comentários específicos sobre as possibilidades de arquivamento em discos rígidos de computadores ou outros discos e mídias portáteis, uma vez que essa discussão tomaria mais do que um artigo especificamente sobre os locais digitais do hiperarquivo.

Pretendemos trazer a *Internet* como inauguradora de uma era digital que, a cada dia, encontra-se mais presente no cotidiano das produções artísticas contemporâneas. Foi possível mostrar como alguns elementos que formam os novos suportes, sobretudo a *Internet* e suas configurações humanas, tornaram-se (ou podem se tornar) importantes na constituição de um arquivo de escritor e, posteriormente, conformarão a captação do mesmo por uma instituição que pretende manter o acesso a esse arquivo para pesquisas. Assim, a verdadeira matéria deste artigo foram as potencialidades do arquivo e a especulação com o futuro da informação, por meio da crítica genética dos arquivos literários.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, T. *Indústria Cultural e Sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ARTIÈRES, P. "Arquivar a própria vida". In: *Estudos Históricos – Arquivos Pessoais*, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.

61. MELO E CASTRO, E. M. Op. Cit., p. 68-81.

62. SALLES, C.A.; CARDOSO, D. R. "Crítica de processo – um estudo de caso. Crítica genética, história e sociedade". In: *Ciência e Cultura*, v. 59, n. 1, São Paulo, p. 47-49, jan./mar. 2007, p. 49.

- BENJAMIN, W. "A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica". In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BIASI, P. M. de. O horizonte genético. In: ZULAR, R. (Org.) *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras/FAPESP, 2002.
- BITTENCOURT, G. N. da S. "A literatura comparada diante dos avanços tecnológicos". In: JOBIM, J. L. *et al. Sentidos dos Lugares*. Rio de Janeiro: ABRALIC, 2005.
- CANCLINI, N. G. *Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- COLOMBO, F. *Arquivos imperfeitos: memória social e cultura eletrônica*. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- COOK, T. "Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno". In: *Estudos Históricos – Arquivos Pessoais*, Rio de Janeiro, v.11, n.21, p. 129-149, 1998.
- COSTA, C. L. "Intimidade *versus* interesse público: a problemática dos arquivos". In: *Estudos Históricos – Arquivos Pessoais*, Rio de Janeiro, n.21, 1998.
- DERRIDA, J. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- GARCIA, M. M. A. de "Os documentos pessoais no espaço público". In: *Estudos Históricos – Arquivos Pessoais*, Rio de Janeiro, n.21, 1998.
- GOMES, A. de C. "Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados". In: *Estudos Históricos – Arquivos Pessoais*, Rio de Janeiro, n.21, 1998.
- INTERNET WORLD STATS. Mar. 2008. Disponível em: <<http://www.internetworldstats.com/stats.htm>> Acesso em: <28/07/2008>

Incipit

- HAY, L. "O texto não existe': reflexões sobre a crítica genética". In: ZULAR, R. (Org.) *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras/FAPESP, 2002.
- _____. "O manuscrito plural". In: *A literatura dos escritores*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- JARDIM, J.M. "As novas tecnologias da informação". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 251-260.
- LEBRAVE, J.-L. "O manuscrito será o futuro do texto". In: SOUZA, E.M.; MIRANDA, W. M. *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- LEMOS, A. "Estruturas Antropológicas do Ciberespaço". *Textos de Cultura e Comunicação*, n. 35, Facom/Ufba, jul. 1996. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/estrcy1.html>> Acesso em: <23/05/2008>
- LEVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MARQUES, R.M. "Acervos literários e imaginação histórica: o trânsito entre os saberes". In: *Ipotese*, Juiz de Fora, v.4, p. 29-37, jul./dez. 2000.
- MELO E CASTRO, E. M. "Síntese Genética". In: *Via Atlântica*, São Paulo, n. 4, p. 68-81, out. 2000.
- MENESES, U.T.B. de. "Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público". In: *Estudos Históricos – Arquivos Pessoais*, Rio de Janeiro, n.21, 1998.
- NATIONAL Electronic Commerce Coordinating Council (NECCC). *Managing E-Mail*. p. 1-27. New York/NY, 2002. Disponível em: <http://rpm.lib.az.us/papers/managing_email.pdf> Acesso em: <25/05/2008>
- PEARCE-MOSES, R. "Janus in Cyberspace: Archives on the Threshold of the Digital Era". In: *Society of American Archivists Annual Meeting*, Washington DC, Ago. 2006. Disponível em: <http://www.lib.az.us/diggovt/presentations/Janus_abridged.pdf> Acesso em: <25/05/2008>

_____. "A Bridge to the Future: Committing Intentional Acts of Memory". *Society of Southwestern Archivists*, Baton Rouge, Louisiana, 27 mai 2005. Disponível em: <<http://www.lib.az.us/diggovt/presentations/Bridge.pdf>> Acesso em: <25/05/2008>

_____. "New Skills, New Knowledge, and New Attitudes for a Digital Era". *Archival Outlook*, 2006b, p. 1-4. Disponível em: <<http://rpm.lib.az.us/papers/AO6.pdf>> Acesso em: <25/05/2008>

_____. "The Perfect and the Possible: Becoming a Digital Archivist". In: *Conference of Inter-Mountain Archivists*, Ogden, Utah, 12 mai 2006a. Disponível em: <<http://rpm.lib.az.us/papers/CIMA2006.pdf>> Acesso em: <25/05/2008>

SALLES, C. A.; CARDOSO, D.R. "Crítica de processo - um estudo de caso. Crítica genética, história e sociedade". In: *Ciência e Cultura*, v.59, n.1, São Paulo, p. 47-49, jan./mar. 2007. p. 48.

SALLES, C. A. "Crítica genética e semiótica: uma interface possível". In: ZULAR, R. (Org.). *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras/FAPESP, 2002. p. 187-188.

SANTIAGO, S. "Com quantos paus se faz uma canoa". In: SOUZA, E.M. de; MIRANDA, W. M. (Orgs.). *Arquivos Literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

SMITHSONIAN Institution Archives. Email Records Guidance. p. 1-9. The Rockefeller Archive Center, 2007. Disponível em: <http://siarchives.si.edu/pdf/CERP_Email_guidance_supp_0307.pdf> Acesso em: <25/05/2008>

VIANNA, H. "Obra em Progresso também no mundo digital". 28 jun. 2008. Disponível em: <<http://www.obraemprogresso.com.br/sobre/>> Acesso em: <01/07/2008>

VIEGAS, A.C. "A ficção brasileira contemporânea e as redes hipertextuais". In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, Rio de Janeiro, n.9, p. 213-227, 2006.

Incipit

VLASSELLAERS, J. "Tecnologia mediática e inovação literária".
In: ANTELO, R.; CAMARGO, M.L. de B.; ANDRADE, A.L.;
ALMEIDA, T.V. de. In: *Declínio da arte Ascensão da cultura*.
Florianópolis: ABRALIC/Letras Contemporâneas, 1998.
p. 177-187. p. 180-181.

ZMOGINSKI, F. Blue-ray mata HD DVD este ano, diz Gartner.
Info – online, 28 jan. 2008. Disponível em: <[http://
info.abril.com.br/aberto/infonews/012008/28012008-
3.shl](http://info.abril.com.br/aberto/infonews/012008/28012008-3.shl)> Acesso em: <01/07/2008>